

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA (ORG.)  
FRANCISCO M. SALZANO  
NIÉDE GUIDON  
ANNA CURTENIUS ROOSEVELT  
GREG URBAN  
BERTA G. RIBEIRO  
LUCIA H. VAN VELTHEM  
BEATRIZ PERRONE-MOISÉS  
ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA LIMA  
ANTÔNIO PORRO  
FRANCE-MARIE RENARD-CASEVITZ  
ANNE CHRISTINE TAYLOR  
PHILIPPE ERIKSON  
ROBIN M. WRIGHT  
NÁDIA FARAGE  
PAULO SANTILLI  
MIGUEL A. MENÉNDEZ  
MARTA ROSA AMOROSO  
TERENCE TURNER  
BRUNA FRANCHETTO  
ARACY LOPES DA SILVA  
CARLOS FAUSTO  
MARY KARASCH  
MARIA HILDA B. PARAÍSO  
BEATRIZ G. DANTAS  
JOSÉ AUGUSTO L. SAMPAIO  
MARIA ROSÁRIO G. DE CARVALHO  
SILVIA M. SCHMUZIGER CARVALHO  
JOHN MANUEL MONTEIRO  
SONIA FERRARO DORTA

# HISTÓRIA DOS ÍNDIOS NO BRASIL

2ª edição

FAPESP  
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA  
DO ESTADO DE SÃO PAULO

  
COMPANHIA DAS LETRAS

SMC  
SECRETARIA  
MUNICIPAL DE CULTURA  
INSTITUTO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

---

Copyright © 1992 by os Autores

Projeto editorial:  
*NÚCLEO DE HISTÓRIA INDÍGENA E DO INDIGENISMO*

Capa e projeto gráfico:  
*Moema Cavalcanti*

Assistência editorial:  
*Marta Rosa Amoroso*

Edição de texto:  
*Otacílio Fernando Nunes Jr.*

Mapas:  
*Alicia Rolla*  
*Tuca Capelossi*

Mapa das etnias:  
*Clarice Cohn*  
*Edmundo Peggion*

Índices:  
*Beatriz Perrone-Moisés*  
*Clarice Cohn*  
*Edgar Theodoro da Cunha*  
*Edmundo Peggion*  
*Sandra Cristina da Silva*

Pesquisa iconográfica:  
*Manuela Carneiro da Cunha*  
*Marta Rosa Amoroso*  
*Oscar Calávia Saéz*  
*Beatriz Calderari de Miranda*

Revisão:  
*Carmen Simões da Costa*  
*Eliana Antonioli*

1ª edição 1992

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História dos índios no Brasil / organização Manuela Carneiro da Cunha. — São Paulo : Companhia das Letras : Secretaria Municipal de Cultura : FAPESP, 1992

Bibliografia.  
ISBN 85-7164-260-5

1. Índios da América do Sul — Brasil — História I.  
Cunha, Manuela Carneiro da.

92-1393

CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:

I. Brasil : Índios : História 980.41

1998

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (011) 866-0801  
Fax: (011) 866-0814  
e-mail: coletras@mtecnetsp.com.br

AL BR

F2519  
.H57  
1998x

---

## O VELHO E O NOVO

### Antropologia física e história indígena



*Francisco M. Salzano*

A antropologia física tem um passado longo e respeitável. Na verdade Comas (1966) inicia sua revisão sobre os antecedentes históricos dessa disciplina com textos que apareceram centenas de anos antes do nascimento de Cristo. A. J. F. Blumenbach (1753-1840) é considerado por muitos como o “pai” da antropologia física. Na terceira edição de seu livro *De generis humani varietate nativa*, publicado em 1795, ele utilizou pela primeira vez o termo antropologia no sentido em que ele é ainda hoje usado na Europa, como sinônimo de antropologia física. Mas foi somente na segunda metade do século XIX que o interesse nessa ciência tornou-se mais generalizado, resultando na fundação de sociedades antropológicas em diversos países europeus.

Há alguns anos Comas et alii (1971), após comunicação com 78 pesquisadores de 25 nações (entre os quais eu estava incluído), analisaram as relações entre a antropologia física e a biologia humana, bem como os conceitos que definiriam essas duas áreas, considerando que a definição mais representativa e correta da antropologia física seria a dada por R. Martin e complementada por K. Saller (Martin e Saller, 1957):

“A antropologia foi definida por Martin como a história natural dos hominídeos no tempo e no espaço. Devido a uma característica peculiar da natureza humana isto inclui também o desenvolvimento cultural. Deste modo a antropologia moderna, como história na-

tural dos hominídeos, refere-se não somente ao exame comparativo das peculiaridades físicas, como também à investigação da psique humana, no marco das culturas que foram por elas criadas”.

Faltou acrescentar que, idealmente, os estudos envolvendo a nossa espécie deveriam geralmente ser de caráter interdisciplinar. A investigação isolada de nossa biologia ou cultura naturalmente pode fornecer dados valiosos, mas o esclarecimento de determinadas questões só pode ser feito mediante enfoques integrados.

Em seu início a antropologia física era basicamente uma ciência morfológica. Com o progresso dos instrumentos de pesquisa foram sendo incorporadas outras técnicas, e no momento a atenção vem se concentrando prioritariamente ao nível molecular. Como a ponte entre as gerações é constituída pelo ADN (ácido desoxirribonucleico, o material genético), é do maior interesse estudá-lo diretamente, em vez de seus produtos (as proteínas). Note-se, inclusive, que o ADN é muito estável, o que vem permitindo avaliações de sua constituição em organismos que viveram há milhões de anos.

Essa tendência reducionista da biologia atual deve ser considerada no contexto do que foi salientado anteriormente. Há fenômenos que dependem, para sua expressão, de toda uma estrutura hierárquica, e que só são explicáveis pela análise de todo um sistema (Salzano, 1989).

*Página seguinte:* Exame da variação observada em 58 grupos indígenas sul-americanos considerando-se simultaneamente sete sistemas genéticos. Isto é obtido através da técnica estatística da análise de componentes principais. Ela permite verificar quanto dessa variação está relacionada entre si, agrupando-a em conjuntos (componentes), que são resumidos através de escores.

Os números da figura mostram a variação obtida nos escores do primeiro componente, que resume 23% da variabilidade observada. De maneira geral os escores aumentam do noroeste do continente em direção ao sul, atingindo os valores mais altos no norte do Chile e no Chaco. Esses gradientes são compatíveis com rotas de movimentos pré-históricos dessas populações.

## ANTROPOLOGIA FÍSICA E HISTÓRIA INDÍGENA

### PONTOS DE CONTATO

De que maneira a antropologia física pode contribuir para o estudo da história indígena no Brasil? A tabela abaixo lista sete pontos de contato entre essas duas áreas, e não pretende ser exaustiva. O estudo biológico tanto de remanescentes ósseos e de múmias como de indivíduos e populações atuais pode iluminar diferentes aspectos do passado indígena. Cada um dos pontos indicados poderia ser exemplificado com casos reais. Por motivos de espaço, no entanto, irei limitar-me ao exame mais detalhado de apenas algumas daquelas relações.

### A ORIGEM DO HOMEM AMERICANO

Este tema clássico tem sido abordado frequentemente por autores os mais diversos, utilizando enfoques variados. Estes incluem tanto a antropologia física (morfologia e características genéticas que se expressam no nível da proteína ou do próprio ADN) como a arqueologia, a lingüística, ou a antropologia cultural. Salzano e Callegari-Jacques (1988) revisaram os estudos anteriores a 1988, porém daquela data para cá novas evidências surgiram, que devem ser objeto de reflexão.

O único ponto sobre o qual há concordância generalizada é o de que a principal rota de entrada no continente ocorreu através do estreito de Bering, e que esses grupos formadores provieram da Ásia (ver, porém, a próxima

seção). Questões controversas são: *a*) a natureza desses estoques parentais (quantos grupos eram, e a representatividade dos mesmos com relação às populações originais); e *b*) a época de sua entrada.

Neves e Pucciarelli (1989), após compararem a morfologia craniana de três séries paleoíndias e do arcaico inferior da Bolívia e do Brasil, contrastando-a com a encontrada em dezessete outras séries de diversas regiões do mundo, concluíram por uma clara afinidade biológica entre esses primeiros habitantes do nosso continente e grupos do Sul do Pacífico. Sugeriram, então, que esses colonizadores devem ter chegado aqui antes do estabelecimento, nas populações asiáticas, da morfologia mongolóide típica, e portanto antes dos 13 mil anos aceitos pela maioria dos investigadores norte-americanos como data da entrada desses grupos no continente. Por outro lado, a análise do ADN de uma organela citoplasmática (a mitocôndria) de populações atuais mostra considerável variabilidade, que deve ter surgido 40 mil anos atrás (Pääbo et alii, 1990). A possibilidade de estudo do ADN do próprio material paleoantropológico, ósseo ou mumificado (ver, por exemplo, Rogan e Salvo, 1990a, b) promete abrir novos horizontes no esclarecimento do problema.

Enquanto isso, as evidências arqueológicas e lingüísticas continuam a ser discutidas (Morell, 1990; Marshall, 1990; Dillehay, 1991). Seja qual for o consenso eventualmente alcançado, ele sem dúvida será importante para interpretações relativas à história indígena.

### *Relações entre a antropologia física e a história indígena*

#### *Pesquisas em antropologia física*

1. Análises de remanescentes ósseos e múmias do ponto de vista morfológico, fisiológico e bioquímico.
2. Investigação de marcadores genéticos neste material paleoantropológico em diferentes sítios arqueológicos.
3. Estudos sobre a mobilidade, mortalidade e fertilidade de populações atuais.
4. Avaliações sobre padrões geográficos de doenças em populações do presente.
5. Pesquisas sobre a morfologia de populações atuais.
6. Determinação da distribuição geográfica de marcadores genéticos em grupos contemporâneos.
7. Construção de dendrogramas, distâncias genéticas, e aplicação de outros instrumentos de análise filogenética.

#### *Reflexos no estudo da história indígena*

1. Informações sobre modos de vida e padrões de doença de populações pré-históricas e históricas.
2. Indicações sobre migrações do passado.
3. Inferências sobre tais parâmetros em gerações anteriores.
4. Evidências sobre a ocorrência de tais doenças em populações pré-históricas e históricas.
5. Análises sobre a influência de práticas culturais na morfologia de grupos do passado.
6. Indicações sobre migrações do passado.
7. Reconstruções de populações parentais e inferências sobre sua diversificação.

## DOENÇAS PRÉ-HISTÓRICAS

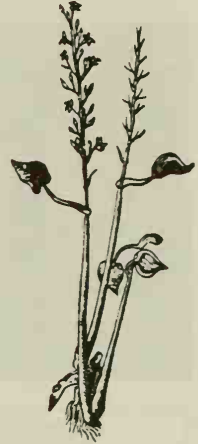
Uma discussão antiga refere-se à ocorrência da sífilis, da tuberculose e da doença de Chagas em populações ameríndias pré-colombianas. Quanto à sífilis, Baker e Armelagos (1988), após uma revisão em profundidade dos dados disponíveis, chegaram à conclusão de que há evidência esquelética abundante indicando a presença de uma forma não venérea de infecção treponêmica no continente antes de 1492. Nesse caso as evidências paleoantropológicas para a América do Sul foram encontradas principalmente no Peru, mas os estudos de Lee et alii (1978) em populações atuais indicam que elas também são válidas para o Brasil.

Pesquisas sistemáticas especialmente de Noel Nutels e J. A. N. Miranda demonstraram a inexistência da forma típica do bacilo da tuberculose em populações indígenas brasileiras não-aculturadas (Nutels et alii, 1967; Nutels, 1968; Miranda, 1985). Observações paleoantropológicas em ameríndios fora do Brasil, revisadas por Clark et alii (1987), no entanto, indicam que aquelas populações devem ter sido expostas a diferentes formas de doenças microbacterianas. Esses autores sugeriram que a aparente maior susceptibilidade de habitantes de reservas indígenas à doença poderia ser devida à exposição a uma linhagem especialmente virulenta de *Mycobacteria tuberculosis*. Nutels (1968), por outro lado, surpreendeu-se quanto aos aspectos clínico-radiológicos e epidemiológicos da tuberculose que ele encontrou em populações "virgens" para a doença, como os Suyá e Txukahamãe. Ele teria esperado quadros agudos e graves, como os dos soldados senegaleses, observados na Primeira Guerra Mundial. Ao contrário, o que ele constatou foi uma manifestação benigna, como a de pessoas que tivessem já tido uma longa experiência com o bacilo. Isso pode ser interpretado de diferentes maneiras. Por exemplo, a linhagem em questão seria *menos* virulenta que a comum; ou indivíduos dessa tribo poderiam ter desenvolvido resistência pela exposição a um bacilo semelhante, que teria desencadeado a resistência por imunidade cruzada.

Um aspecto inusitado do desenvolvimento da tuberculose em populações indígenas brasileiras foi comentado por Miranda (1985). Se-

gundo ele, há alta probabilidade de que os dois mais famosos padres catequistas do Brasil, Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, fossem tuberculosos. Teriam sido eles responsáveis, portanto, por muitas mortes devidas a essa doença entre os indígenas com os quais eles estiveram em contato.

Há indicações de que o tamanho populacional relativamente grande, a sedentariedade, o tipo de construção de casas e o hábito de criar preás domesticamente favoreceram a endemicidade da doença de Chagas entre os indígenas dos Andes muito antes da chegada dos europeus. Já entre os indígenas brasileiros não ocorreram tais condições, determinando a ausência da doença em grupos não aculturados (Rothhammer e cols., 1985; Coimbra, 1988).





SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
GABINETE DE INVESTIGAÇÕES  
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: Makuri N.º \_\_\_\_\_  
Idade: 25 anos. Sexo: masculino Data: 15.5.46  
Região da tribo: Takuelauhá - Goiás  
Tribo: Javaé Tribo dos pais: Javaé  
Côr da pele: brunzeada Côr dos cabelos: pretos  
Côr dos olhos: pretos Forma dos cabelos: luzos  
Forma da cabeça: ovóide

Pêso: 70 Estatura: 1.73 Altura da face: 124,5  
Altura nasal: 55 Largura nasal: 43 Bizigomático: 133  
Ânteroposterior do crânio: 186 Transverso do crânio: 153  
Biacromial: 405/2 Biiliaco: 331/2 Perímetro torácico: 105-101

OBSERVAÇÕES: \_\_\_\_\_  
(Descrever anomalias, deites, manchas e tudo quanto chamar a atenção)

Robusto, esplendida musculatura.  
Pés curtos, largos (16x25) -  
grandes arcos muito afastados  
e prauis.

Mensuração realizada através de instrumentos especializados entre os índios Javaé de Goiás. A utilização de dados...

Já a presença de *Ancylostoma duodenale* e *Trichuris trichiura* em material arqueológico da América do Sul mas não da América do Norte, e a necessidade, no ciclo vital desses parasitas intestinais, de uma passagem obrigatória pelo solo a temperaturas amenas indicam a possibilidade de introdução dos mesmos por colonizadores pré-históricos que teriam utilizado a rota transpacífica ou transoceânica, em vez daquela geralmente aceita, isto é, atra-

vés do estreito de Bering (Araújo et alii, 1988; Confalonieri et alii, 1991).

#### O IMPACTO DA CONQUISTA

Tendo-se examinado algumas das doenças que poderiam ter existido entre nossos indígenas antes da conquista, pode-se agora avaliar, embora de maneira rápida, o impacto causado pelas enfermidades que vieram com os conquistadores. O problema não é fácil, porque depende de estimativas populacionais desses grupos antes de 1500. Para isso, partindo-se de fontes históricas e estabelecendo-se inferências sobre o processo que ocorreu após o contato, pode-se chegar a valores aproximados. Para se ter uma idéia do grau de incerteza dessas estimativas, porém, basta lembrar que, para o Brasil, os números relativos a esses habitantes que aqui viviam antes da chegada de Pedro Álvares Cabral variam de 1 a 5 milhões (referências em Salzano e Callegari-Jacques, 1988).

O curso dos eventos que são desencadeados após o contato são monotonamente iguais em qualquer região do continente. Há uma mudança dramática na vida indígena, com a deterioração de suas condições sanitárias, instalando-se epidemias devastadoras e altas taxas de mortalidade. A recuperação quanto a esse estado de coisas é gradual, e depende tanto do tamanho do grupo original como de outras condições, entre as quais se incluem os benefícios da medicina moderna (detalhes em Salzano, 1985).

Análises detalhadas recentes sobre o que ocorreu em diferentes regiões do continente são: a) para o Guiana Francesa a segunda edição (publicada em 1989) do livro de Hurault; b) quanto às missões jesuíticas guarani, o artigo de Maeder (1990); e c) para o Peru e a Nova Espanha, o estudo de Assadourian (1990). Por outro lado, Thornton et alii (1991) consideraram os índios americanos em geral e o impacto causado por epidemias de varíola entre os mesmos, desenvolvendo uma série de simulações por computador para tentar compreender os diferentes fatores que podem influir no processo de depopulação subsequente.

Independentemente de detalhes regionais, o que se pode estabelecer em termos gerais é que o material genético ameríndio permanece caracterizando vastas porções de nosso continente. Após o impacto tem havido a re-

cuperação pelo menos de grupos maiores. E o processo de miscigenação, que é universal, contribui para a manutenção dos genes de origem indígena. Infelizmente, durante o processo, o que está havendo é a perda da variabilidade biológica e cultural (pela extinção de tribos menores). Além disso, o processo é responsável por morte e sofrimento que, caso fossem tomadas medidas acauteladoras, poderiam ter sido evitados, pelo menos em tempos modernos. Resta saber se há interesse nessa sobrevivência. Há toda uma história de extermínio proposital de grupos indígenas, inclusive por infecções intencionais (embora tais casos sejam difíceis de documentar).

#### MIGRAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS

Esta questão foi abordada por Salzano e Callegari-Jacques (1988) mediante a consideração simultânea de sete sítios genéricos investigados em 58 grupos indígenas da América do Sul, com a utilização da técnica estatística da análise de componentes principais. O Mapa mostra o que se obtém quando se plotam os escores relativos ao primeiro componente no mapa da América do Sul. Os escores foram transformados para evitar valores negativos e fracionários; as áreas delineadas agrupam os valores em dezenas.

Este primeiro componente é dominado pelos alelos do sistema Rh de grupos sanguíneos, e representa 23% da variância observada. De uma maneira geral os escores aumentam do noroeste do continente em direção ao sul, atingindo os valores mais altos no Norte do Chile e no Chaco, onde ocorrem "picos". Há também um gradiente que se inicia na Colômbia e aumenta na direção leste (Guianas e Amapá), diminuindo ligeiramente no centro-leste do Brasil. Existe, porém, uma zona de valores médios em parte da Colômbia e Venezuela, inserida na área de escores baixos.

Esse padrão é compatível com uma rota ao longo da costa do Pacífico e outra para o norte da região amazônica. Há também concordância com o possível papel do Nordeste brasileiro como um centro de dispersão, mas infelizmente as observações nessa área são escassas. A região do Chaco é identificada como um núcleo de dispersão (ou convergência).

A distribuição dos escores no mapa está também de acordo com a sugestão de Ward et alii (1975), de que o povoamento da Améri-



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
GABINETE DE INVESTIGAÇÕES  
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: Kauraraki N.º \_\_\_\_\_  
Idade: 20 anos. Sexo: masculino Data: 28.10.45  
Região da tribo: Tampisi -  
Tribo: Tupisapi Tribo dos pais: Tupisapi  
Côr da pele: leite - termo Côr dos cabelos: preto  
Côr dos olhos: preto Forma dos cabelos: liso  
Forma da cabeça: esferoide

Peso: 60 Estatura: 155 Altura da face: 117  
Altura nasal: 53 Largura nasal: 38 Bizigomático: 117  
Ânteroposterior do crânio: 183 Transverso do crânio: 148  
Biacromial: 275 Biliaco: 288 Perímetro torácico: 88 1/2 - 91

OBSERVAÇÕES:

(Descrever anomalias, dentec, manchas e tudo quanto chamar a atenção)

Tarado - criminoso. Tem 25-10-45  
assassinou a pauladas o velho pagé  
da tribo, após um roubo que teve  
lofre de visões. Julgo, pádico, sumamente  
perpiciado. Ri constantemente  
com ar abobalhado.

ca do Sul poderia ter ocorrido seguindo três direções principais: uma paralela à costa do Pacífico, outra ao longo da costa atlântica, e uma terceira na direção do centro do continente (mais especificamente do Planalto Central brasileiro). Mas a essas deve ser adicionado o núcleo do Chaco anteriormente mencionado. A plotagem dos escores do segundo componente (que explica mais 17% da variação) sugere também a importância do Caribe

...antropométricos alcançou seu apogeu no final do século passado e início do atual, levando inclusive a muitos exageros.



como um pólo de dispersão, em concordância com sugestões de que migrações secundárias podem ter ocorrido das ilhas dessa região para o norte da América do Sul.

Naturalmente, as observações feitas com relação a essa análise devem ser consideradas com cuidado, pois os gradientes observados podem estar vinculados a outros fatores geográficos, bem como ao ambiente físico e biológico, e não a essas migrações antigas. Estudos adicionais poderão esclarecer esse ponto.

## ANTROPOLOGIA FÍSICA E INDIGENISMO

### ESTEREÓTIPOS E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

A antropologia física do passado foi muito influenciada pelo conceito de "tipo". A partir de observações em uma população chegava-se a uma abstração, constituída pelo que o pesquisador considerava como a melhor (ou ideal) representação da mesma. Tal conceito foi substituído pelo da avaliação estatística fornecida pela genética de populações, que leva em consideração a variabilidade intrapopulacional, a qual é, inclusive, uma das características marcantes de nossa espécie.

O que foi mencionado acima é verdadeiro não só para características físicas como também para traços do comportamento. Esses últimos, especialmente, são condicionados por uma interação complexa entre fatores biológicos e culturais, de difícil identificação (Salzano, 1991).

Essas considerações são úteis quando se examina a controvérsia relacionada ao artigo de Chagnon (1988) sobre os Yanomami. Essa e outras publicações desse autor estabeleceram esses índios, na literatura antropológica internacional, como o paradigma de um grupo violento "primitivo". Esse trabalho de 1980 foi amplamente disseminado pela imprensa brasileira, justamente na ocasião em que as terras desses índios eram invadidas de forma massiva por garimpeiros. Diversos antropólogos brasileiros argumentaram que a imagem negativa desses índios apresentada na imprensa poderia ser usada como arma por aqueles que se opõem à criação do Parque Indígena Yanomami, uma reivindicação que data de 1978, quando foi criada uma comissão especificamente com esse objetivo.

Maiores informações sobre essa controvérsia podem ser encontradas em Albert (1989)

e na discussão que se seguiu (Chagnon, 1990; Albert, 1990). Albert criticou os critérios de Chagnon de avaliação da "violência" dos Yanomami, e argumentou que a mortalidade de homens adultos devido à guerra era maior entre os Achuara (59%) e Waoroni (61%), duas outras tribos amazônicas, do que entre os Yanomami (30%). Ele também acredita que o subgrupo a partir do qual Chagnon retirou a maioria de suas conclusões poderia ser não representativo da tribo como um todo; e afirma que a caracterização de Chagnon da sociedade yanomami revela uma projeção dos preconceitos tradicionais do mundo ocidental com relação ao Outro.

Essa situação não é nova; muitos outros pesquisadores já foram acusados de apresentar dados que poderiam ser usados para prejudicar segmentos específicos de nossa espécie. Embora deva-se separar claramente os fatos em si de sua boa ou má aplicação, o cientista tem o dever de acompanhar o uso de seus resultados e tomar uma posição firme contra aplicações perversas ou errôneas. A assertiva de Chagnon (1988) de que "a violência pode ser a principal força dirigente por trás da evolução da cultura" é muito discutível, e pode ser usada para justificar comportamentos agressivos não éticos e guerras, como a que recentemente ocorreu no Golfo Pérsico. Por outro lado, sua caracterização dos índios Yanomami lembra os errôneos conceitos tipológicos do passado, que foram aplicados a uma característica difícil de ser delineada e com causas múltiplas.

### O QUE É UM ÍNDIO?

O problema de como tratar minorias étnicas que vivem dentro de um território nacional é complexo. No caso específico dos índios das Américas existem várias tendências, desde as que propõem conservá-los no mesmo estágio cultural em que foram encontrados pela sociedade envolvente, até aquelas que preconizam sua absorção total nessa sociedade.

Até agora não foi descoberta uma fórmula mágica que estabeleça uma transição menos brusca e menos traumática para tais grupos, cujos membros, muitas vezes, saem de um meio em que a subsistência é assegurada mediante a caça-recoleta, para um contato direto com a sociedade industrial. O que se tem notado, em geral, é uma ruptura do equilíbrio

normalmente harmonioso dos grupos não aculturados com seu meio ambiente, para uma situação de extrema dependência com relação à sociedade envolvente. O seu modo de vida se altera dramaticamente, levando a uma deterioração das condições de saúde e muitas vezes à morte de parcela considerável da população. A recuperação é lenta, e em geral os grupos aculturados são absorvidos na camada mais pobre de nossa paupérrima população rural.

A política indigenista brasileira foi revisada em detalhe por Ribeiro (1962, 1970), outras avaliações podendo ser encontradas em Cardoso de Oliveira (1978, 1988). Uma questão considerada como essencial por todos aqueles que se interessam por esses problemas é a da garantia aos indígenas da posse das terras em que vivem. O problema dos Yanomami para conservá-las já foi mencionado brevemente na subseção anterior. Mas é generalizada, em todo o país, a cobiça para a usurpação de territórios tribais. Há também o problema oposto. Grupos que já perderam quase totalmente as suas características étnicas e que procuram, após esse processo, obter o direito a um pedaço de terra que possam utilizar para sua subsistência.

Dadas essas circunstâncias, não seria de estranhar que a pergunta formulada no início desta subseção fosse levantada: "O que é um índio?". Como identificar uma comunidade indígena? A questão já não é puramente acadêmica, podendo envolver o destino econômico de muitos indivíduos e populações.

A idéia da caracterização biológica de um indivíduo como indígena ou não-indígena está vinculada à noção errônea, já comentada, de "tipo". Estabelecido, na cabeça do pesquisador, o tipo indígena ideal, procurar-se-ia, seja mediante características morfológicas ou outras, que se manifestam especialmente no sangue, estabelecer se ele estaria ou não conforme à norma adotada. Critério equivalente foi utilizado nos EUA, onde um indivíduo, para ser incluído no registro tribal, deve possuir uma determinada porção (avaliada genealógica-mente) de ancestralidade indígena. Note-se que o critério genealógico, muito difundido nos EUA, pode levar ao absurdo de classificar-se como "negra" uma pessoa de pele impecavelmente alva!

Tanto o critério biológico como o cultural

foram discutidos por Carneiro da Cunha (1986), que concluiu ser a identidade étnica uma questão que deve estar vinculada à auto-identificação do grupo e à identificação deste pela sociedade envolvente. Essa posição já tinha sido adotada por Ribeiro (1957), que define: "índio é todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade de origem pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contato". É essa, também, a posição geralmente adotada pelos antropólogos brasileiros.

Seja como for, minha opinião é a de que qualquer processo de identificação étnica que tenha por fim assegurar algum direito à posse de terras está mal colocado. Isso porque, pelo menos idealmente, *todos* deveriam ter esse direito.

#### HISTÓRIA INDÍGENA E ANTROPOLOGIA FÍSICA

Pode-se fazer a pergunta complementar à feita anteriormente, isto é, de que maneira a história indígena pode contribuir para o estudo da antropologia física? Creio que essa contribuição relaciona-se a três aspectos principais: a) tamanho dos grupos fundadores; b) dinâmica demográfica; e c) contatos e migrações específicas.

Com relação ao primeiro ponto, deve-se notar que a variabilidade genética de uma população depende originalmente da natureza de seus grupos formadores. Em geral, outros fatores permanecendo constantes, quanto maior for o tamanho desses grupos, maior será a diversidade esperada. Por exemplo, o número de alelos (formas alternativas de um gene) em três regiões específicas do sistema HLA de histocompatibilidade é muito menor em indígenas sul-americanos do que em caucasóides, as combinações dessas formas entre si sendo também em menor número. A explicação mais usual para esse fato é a de que os grupos que originalmente colonizaram o continente seriam de tamanho reduzido; ou, alternativamente, poderiam ser relativamente grandes, mas teriam sofrido reduções periódicas de número, isso ocasionando o chamado "efeito de gargalo de garrafa" (apenas um grupo reduzido de sobreviventes teria dado origem a segmentos específicos desses ameríndios; veja-se,



*Algumas inferências causais que podem ser estabelecidas no estudo dos índios sul-americanos*

*Processo*

1. Poucos pontos de entrada original no continente; apenas um estoque parental principal.
2. Tipo fissão-fusão de estrutura populacional.
3. Isolamento geográfico e cultural.
4. Estilos de vida únicos, estresse ambiental, diferenças genéticas.
5. Aculturação,\* mistura racial.

*Conseqüência*

1. Homogeneidade genética relativa.
2. Diversos "polimorfismos privados" únicos.
3. Diferenças escalonadas entre grupos; gradientes em traços morfológicos e nos condicionados por um gene.
4. Padrões fisiológicos normais e patológicos únicos.
5. Depopulação, perda da identidade genética.

(\*) Neste capítulo utiliza-se este termo apenas para evitar expressões mais longas e elaboradas. Que fique claro ter eu consciência de que o processo assim rotulado é complexo, podendo ser enfocado de diferentes maneiras e mais especificamente dentro do contexto da fricção interétnica (Cardoso de Oliveira, 1964, 1988; Schaden, 1965; Cardoso de Oliveira e Castro Faria, 1971). Fonte: Salzano e Callegari-Jacques (1988).

por exemplo, Black e Salzano, 1981). É da maior importância, portanto, o conhecimento pré-histórico e histórico dessas populações, para o estabelecimento de hipóteses explicativas plausíveis.

Obviamente, além dos grupos fundadores, o destino evolutivo de uma população irá depender, também, de sua dinâmica demográfica. O seu grau de mobilidade, os contatos que estabeleceu com outros grupos, a fertilidade de seus componentes e os padrões de mortalidade irão todos interagir de maneira complexa, condicionando graus de variabilidade diferentes, e a manutenção e sobrevivência diferenciais de variantes.

Muitas vezes eventos pouco prováveis ocorrem. Exemplifico com um caso de rapto de uma criança branca, efetuado pelos Mekranoti, um grupo kayapó do sul do Pará. A criança cresceu e se desenvolveu dentro da tribo, e culturalmente é sem dúvida indígena, tendo inclusive liderado ataques contra populações neobrasileiras da região. Pois bem, sua constituição genética no sistema ABO é  $A_1B$ , genótipo muito raro mesmo em caucasoídes e ausente em indígenas brasileiros, que são quase exclusivamente do grupo O. Na época de nosso estudo ele já tinha tido três filhos com sua esposa indígena (que era O), dois deles tendo o grupo sanguíneo B e o outro sendo  $A_1$ . Tivemos a oportunidade, portanto, de testemunhar o ingresso de genes alienígenas nessa comunidade pela combinação de dois eventos inusitados: o rapto e a adoção da criança, e a presença, nela, de uma constituição genética rara (Salzano et alii, 1972).

Dois exemplos demonstram a importância do conhecimento da história na compreensão

dos resultados genéticos observados em indígenas brasileiros. Em uma investigação relativamente recente (Black et alii, 1988), estudamos 34 sistemas genéticos em quatro populações de três tribos Tupi: Asurini (duas localidades), Urubu-Kaapor e Parakanã. Pois bem, os Asurini dessas duas localidades (Trocará e Koatinemo) diferiam tanto entre si quanto com relação às populações das outras duas tribos, e essa diferenciação foi confirmada quando fizemos uma comparação incluindo também os Sateré-Mawé, Waiápi, Emerillon e Sirionó. Claramente, embora os habitantes de Trocará e Koatinemo falem a mesma língua, eles devem estar separados há muito tempo e não foi detectado parentesco entre os membros das duas comunidades, o que explicaria as diferenças encontradas.

Em outra investigação (Salzano et alii, 1988), analisamos 31 sistemas genéticos nos Apalai-Wayana, um grupo indígena que se originou pela fusão dessas duas tribos Karib, ocorrida no final do século passado na região do rio Paru do Leste no extremo Norte do Brasil. A comparação dos resultados obtidos com aqueles encontrados entre os Wayana da Guiana Francesa e Suriname, bem como os de sete outras tribos Karib, demonstrou que a fusão deu como resultado uma divergência bastante acentuada entre a constituição genética dos Apalai-Wayana e a das populações Wayana daqueles dois países vizinhos. Novamente, a história explica os dados biológicos.

#### PROCESSO E CONSEQÜÊNCIA

A evolução é um processo eminentemente histórico; é por intermédio do que ocorreu no passado que se pode interpretar o presente e



prever o futuro. A tabela ao lado lista algumas inferências que podem ser estabelecidas quando se consideram as microevoluções dos indígenas sul-americanos. Alguns dos aspectos ali indicados já foram considerados anteriormente. Irei comentar aqui, especificamente, o item 2 da tabela.

Alguns anos atrás (Neel e Salzano, 1967), propusemos que as populações de caçadores-coletores apresentavam um tipo de estrutura denominado de fissão-fusão. Em um momento dado, os bandos que compõem esses grupos podem parecer endógamos. No entanto, à medida que as tensões sociais se acumulam há uma fissão. Essas fissões geralmente ocorrem ao longo de linhas de parentesco, condicionando um efeito migratório muito diferenciado, não casual. O produto menor dessa fissão, de cerca de quarenta a sessenta pessoas, pode reunir-se à população de uma outra aldeia, voltar a fundir-se com a original após algum tempo, ou formar uma nova aldeia. Em geral, a fusão de grupos resulta na união de membros de diferentes bandos. Esses eventos condicionam: *a*) que a unidade de difusão seja um grupo de indivíduos relacionados, não indivíduos simples; *b*) como tais populações são nômades, que as distâncias geográficas que as separam em um momento dado não sejam muito importantes; e *c*) que ao longo de um período de várias gerações haja troca suficiente entre os grupos de maneira a que toda a tribo, e não a população local, deva ser considerada como a unidade de cruzamento.

As conseqüências genético-matemáticas desse tipo de estrutura foram consideradas por Thompson (1979), Simouse et alii (1981) e Fix (1982). Sem entrar em detalhes, foi verificado que ela favoreceria a ocorrência de "polimorfismos privados", isto é, variantes genéticas que, em uma tribo ou diversas tribos adjacentes relacionadas, atingem frequências maiores do que 1%, estando totalmente ausentes nas demais. Essa estrutura favorece, portanto, a formação de constelações únicas de genes, as quais, por sua vez, podem condicionar padrões fisiológicos normais e patológicos únicos.

#### FONTES

A história da biologia humana (e portanto da antropologia física; para mim esses termos são essencialmente sinônimos, ver Salzano, 1973)



População neo-indígena fotografada em estúdio. Através de fotos padronizadas surgiram tentativas de sistematizar a variabilidade humana através de "tipos", abstrações que muitas vezes só existiram na cabeça de seus idealizadores. Atualmente a ênfase é dada à variabilidade existente dentro de uma população, seja em nível macroscópico, microscópico ou molecular. Fotografia da mesma mulher obtida em Manaus por Louis Agassiz (1807-73), durante a visita que realizou ao Brasil em 1865, com o apoio de d. Pedro II.

no Brasil foi recentemente objeto de pequena monografia (Salzano, 1990). Nela são apresentadas as principais fases do desenvolvimento dessa ciência no país, indicadas algumas referências básicas e fornecidos endereços das pessoas e instituições que se dedicam a essa área de estudos no Brasil. Também é fornecida a localização geográfica e a bibliografia que descreve as pesquisas realizadas em 42 grupos indígenas pela equipe de Porto Alegre, em colaboração com uma extensa série de indivíduos e instituições brasileiras e não brasileiras. Para uma visão geral das primeiras investigações sobre antropologia física no país o trabalho de Castro Faria (1952) constitui referência indispensável. Salzano e Callegari-Jacques (1988), por outro lado, revisaram as pesquisas sobre os indígenas sul-americanos de uma maneira abrangente, fornecendo extensa bibliografia sobre: *a*) paleantropologia; *b*) populações históricas; *c*) estrutura populacional, demografia; *d*) ecologia, nutrição e adaptação fisiológica; *e*) padrões de doenças; *f*) morfologia; e *g*) variabilidade genética descontínua dos indígenas brasileiros.

#### LIBERDADE E ORGANIZAÇÃO

De que maneira as relações apresentadas até agora podem ser integradas dentro de um contexto mais geral? A característica histórica do processo evolutivo já foi salientada anteriormente. Mas quais são as semelhanças e diferenças entre a evolução biológica e a evolução cultural? Esse problema tem sido amplamente debatido, sendo uma amostra de avaliações recentes as contribuições de Hallpike (1988), Salzano (1988), Scott (1989), Car-

rithers (1990) e Ingold (1990). Uma discussão aprofundada sobre o tema, aqui, ficaria fora de lugar. Basta salientar que muitas das similaridades são artificiais. Por exemplo, na evolução cultural há possibilidade da inovação com um propósito, o que não ocorre na evolução biológica. Em termos de cultura, não está claro: *a*) qual seria a unidade evolucionária; *b*) se ocorre sempre a sobrevivência do mais adaptado ou se também é importante a sobrevivência do medíocre (Hallpike, 1988); *c*) qual seria a fonte das causas das mudanças (externa ou interna?); *d*) que escala das mudanças deveria ser considerada (micro ou macroníveis?); e *e*) se a direção das mudanças seria uni ou multilinear.

Subjacente a ambas as evoluções encontra-se a questão mais ampla da relação dialética liberdade/organização. Ela está presente, também, em toda a política indigenista do Brasil e de outros países. Tutela até quando, e exercida de que maneira? Se a tutela tem um caráter meramente estratégico (Cardoso de Oliveira, 1988), quem irá definir essa estratégia? Qual é o papel dos indigenismos não oficiais nesse processo? Independentemente das respostas a essas questões, é provável que em determinado momento as próprias lideranças indígenas irão estabelecer os rumos que desejam trilhar, independentemente "dos outros". Quando isso ocorrer outras opções terão de ser examinadas: isolamento ou integração à sociedade nacional? Unidade ou pluralismo cultural? Esperemos que, sejam quais forem essas opções, elas contribuam para que se estabeleça entre eles um sistema de vida saudável e compatível com a dignidade humana.

